



VIII Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG
VI Salão de Extensão

<http://ojs.fsg.br/index.php/pesquisaextensao>

ISSN 2318-8014



A MINHA, A TUA, A NOSSA: A SEXUALIDADE COMO UM FATOR POLÍTICO

Sabrina Cerchiari, Luana dos Santos Siqueira, Manuelli Tomasi*, Stefany Bischoff da Silva

*Manuelli Tomasi,
endereço: Av. Júlio de Castilhos, 2773 sala 402a - Caxias do Sul -
RS - CEP: 95010-005.

Palavras-chave:
Sexualidade. Política. Educação. Direitos Humanos.

INTRODUÇÃO: Ao abordarmos sobre a temática da sexualidade podemos fazer uma série de associações, porém usualmente, pensa-se na função sexual, nas doenças sexualmente transmissíveis e nas diferenças anatômicas entre os corpos. Para muito além destes fatores - que de fato são essenciais para a sexualidade humana - existem vastas possibilidades que vão desde a experiência dos relacionamentos, as preferências sexuais, as questões de gênero e até mesmo o controle sobre os corpos e as relações de trabalho (CORRÊA, 2013). Para Dall’Agnol (2003), enunciar a sexualidade humana como algo restrito ao ato sexual ou ao sexo biológico, é reduzir as humanidades a apenas um aspecto, empobrecendo o potencial de criação de conhecimento. Ribeiro (2005) declara que desde sempre e até hoje, a relação sexo-humanidade é complexa na mesma medida da complexidade das estruturas sociais, culturais, religiosas e psicológicas dos povos, de acordo com cada época. Não é possível apartar a sexualidade da história e da constituição dos sujeitos e por isso, “entendemos que a sexualidade não é algo dado, natural e imutável, mas uma construção histórica e social sobre os modos de sentir e experimentar o corpo, os desejos e as relações” (CASSAL, GONZALEZ E BICALHO, 2011, p. 466). **MATERIAL E MÉTODOS:** Utilizou-se para a escrita deste resumo o método de ensaio teórico por sua natureza reflexiva, interpretativa e possibilidade de exposição do caráter crítico e provocativo (MENEGHETTI, 2011) das autoras, características que nortearam a construção de saberes tendo como base os diálogos construídos no grupo de estudos sobre sexualidade humana intitulado “*Confraria do Prazer*”, organizado de maneira independente por psicólogas para estudantes de psicologia e público leigo, através da plataforma virtual *Skype* (*Software de troca de mensagens e vídeos instantâneas pela internet*), no período entre junho e agosto de 2020, bem como as publicações científicas que fundamentaram os estudos. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Pode-se considerar que as formas institucionais concretas da sexualidade são produtos da atividade humana,

imbuídos de desigualdades, sistemas opressores, manobras políticas, conflitos de interesses, condições tais que consolidam a sexualidade como um fator político que se modifica de acordo com determinado tempo e lugar (RUBIN, 2012). Andrade e Ceccarelli (2018) apontam para a repressão e moralidade que atravessou a sexualidade humana ao longo dos anos, instaurando-se assim, modos de ditar regras sociais visando o controle dos corpos. Neste entendimento, abre-se um importante espaço para pensar sobre os direitos humanos, as desigualdades entre mulheres e homens, o preconceito sexual e toda exclusão dos modos de viver e de se expressar (ARAGUSUKU; AGUILAR, 2020; SANTOS; ARAÚJO, 2009). A sexualidade compreende a linguagem, corpo e cultura. Portanto, sexualidade é construção e desconstrução de saberes, não é “natural” e sim construída por sociedades que possuem seus interesses e suas intencionalidades. Deste modo, enfatiza-se que explorar mais a sexualidade e tornar ela como um dispositivo de educação permanente e de autoconhecimento, é um ato político que instrumentaliza a transformação. (ARAGUSUKU; AGUILAR, 2020; SANTOS; ARAÚJO, 2009). **CONCLUSÃO:** Fundamentadas no entendimento de que a sexualidade humana se constitui como uma construção cultural que pode ser modificada, entendemos que existe espaço para a estruturação de uma sociedade mais inclusiva onde se aceite a diversidade de desejos e ideais como combustíveis valiosos para o bem estar comum. Não pretendemos lançar aqui ideias utópicas de igualdade plena entre todos, mas queremos ampliar o diálogo que esclarece e oportuniza transformações. Aponta-se que o olhar sobre a sexualidade pode ser um caminho em defesa da democracia, da perspectiva dos direitos humanos e da livre expressão da diversidade sexual (ARAGUSUKU; AGUILAR, 2020) e na educação encontra-se importante espaço para ampliar a discussão e criação de saberes. Enquanto profissionais e estudantes de psicologia, percebemos que o espaço acadêmico carece de amplitude no estudo do tema de sexualidade podendo ser realizado através da reformulação das grades curriculares dos cursos de psicologia incluindo o tema da sexualidade como disciplina, abrindo espaço para a crítica, discussão, pesquisa e desconstrução de saberes. (BERTO, 2020).

REFERÊNCIAS

- ARAGUSUKU, H. A.; LARA, M. F. A.. Uma Análise Histórica da Resolução nº 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia: 20 Anos de Resistência à Patologização da Homossexualidade. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 39, n. spe3, e228652, 2020.
- BERTO, J. C. M. Acerca da sexualidade e da formação superior em psicologia. In: RODRIGUES JR, O. M.; ZEGLIO, C.; VACCARI, V. L.; LEVATTI G. E. (org.). **Estudos em sexualidade** – vol. 2, 2020. E-book.
- CASSAL, L. C. B.; GONZALEZ, A. M. G.; BICALHO, P. P. G. Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. **Psico**, v. 42, n. 4, 28 fev. 2012.
- CECCARELLI, P. R.; ANDRADE, E. L. O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 21, n. 2, p. 229-250, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p229.2>>. Acesso em 22 agosto 2020.
- CORRÊA, G. Corpo e sexualidade na contemporaneidade. In: **Simpósio Internacional de Educação Sexual**. vol. 3, n. 1, 2013. Maringá-PR: Universidade Estadual de Maringá, 2013, pp. 1-27.
- DALL'AGNOL, R. de S. A sexualidade no contexto contemporâneo: permitida ou reprimida. **PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora**, Vol. 4, nº.2, 2003, pp. 26-31.
- MENEGHETTI, F. K.. O que é um ensaio-teórico? **Rev. adm. contemp.**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 320-332, Abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-65552011000200010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23-Ago-2020.
- RIBEIRO, P. R. M. A sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In.: BORTOLOZZI, A. C.; MAIA, A. F. (Org). **Sexualidade e infância**. Bauru: FC/CECEMCA; Brasília: MEC/SEF, 2005, p.17-32.
- RUBIN, G. Pensando Sexo: Notas para uma teoria radical da política da sexualidade. **Repositório Institucional UFSC**. Centro de Filosofia e Ciências Humanas - CFH. Florianópolis, 2012.
- SANTOS, D. B. C. dos; ARAUJO, D. C. de. Sexualidades e gêneros: questões introdutórias. PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Dep. da Diversidade. Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual. Sexualidade. **Cadernos Temáticos da Diversidade**. Curitiba: SEED, 2009.